Alan Favali Paes

Os cães cantores no livro “Lokāyata: A Study in Ancient Indian Materialism”, de Debiprasad Chattopadhyaya

Linha de pesquisa: História e memória, identidade e interseccionalidade.

Tema de pesquisa: Teoria social.

Indicação de orientadora: 1. Profª Drª Lidiane Soares Rodrigues / 2. Profª Drª Maria Gabriela Silva Martins Cunha Marinho.

Resumo

De forma eminentemente bibliográfica e teórica, o intuito do presente projeto de pesquisa é estudar em detalhes a problemática e o método do filósofo marxista indiano Debiprasad Chattopadhyaya em sua principal obra intitulada “Lokāyata: A Study in Ancient Indian Materialism”. Nuclear nesse livro é a divergência de interpretação do autor no que concerne a uma passagem enigmática encontrada em *Chāndogya Upanisad*, um dos maiores e mais antigos textos da tradição religiosa hindu. É a partir de tal dissidência interpretativa, baseada na assimilação dos estudos sobre a antiguidade grega do classicista britânico George Thomson, que Chattopadhyaya reconstitui a vertente materialista indiana chamada Cārvāka/Lokāyata, ou seja, que prevalece (ayatah) entre o povo (lokesu).

Palavras-chave: cārvāka, ciência, lokāyata, materialismo.

Introdução

São mesmo curiosas as desatenções voluntárias ou involuntárias das agendas de pesquisa, e a distribuição geopolítica desigual da ressonância de trabalhos intelectuais, teses e teorias. Nesse caso, a produção do filósofo e historiador indiano Debiprasad Chattopadhyaya é um exemplo. No contexto global da segunda metade do século XX, sua obra fora notada e celebrada, em geral, nos limites da indologia especializada, por um lado, e por alguns notórios intelectuais marxistas, por outro. Joseph Needham, sinologista e historiador da ciência, autor do volumoso *Science and Civilization in China*, tanto louvou a pertinência da análise de Chattopadhyaya, como prefaciou um de seus livros. Já o indólogo francês Louis Renou reconheceu, particularmente quanto ao livro de que trata o presente projeto de pesquisa, que “the book is of definitive value and deserves to be carefully studied by indologists and sociologists” (Bhattacharya, 2010). Embora “Lokāyata: A Study in Ancient Indian Materialism” já tenha suas traduções em chinês, japonês e russo, esse aviso, ao que parece, tem sido largamente ignorado.

Mas não na Índia. Nesse país, o estudo de Chattopadhyaya sobre cārvāka/lokāyata aparece primeiro em bangla, no ano de 1956. Ampliada e revisada, a versão em inglês surge em 1959, através da People’s Publishing House, editora de orientação marxista e secular de Nova Délhi. Reeditado várias vezes, o livro também seria vertido para diversas línguas indianas, como canarim e telugo. Importante, portanto, nas pesquisas sobre materialismo indiano antigo, Chattopadhyaya é uma referência primeira para as mais recentes reconstruções de fôlego dessa vertente milenar do sul asiático (Bhattacharya, 2011; 2020).

Nascido em Kolkata no ano de 1918, a formação acadêmica de Debiprasad Chattopadhyaya se deu em filosofia, na universidade local entre os anos 1930 e 1940. Antes porém das restrições dos muros acadêmicos, conviveu intensamente com o círculo literário bengali, participando de grupos como a Progressive Writers’ Association (renomeada Anti-Fascist Writers’ Association), assim como editou e publicou periódicos e livros de literatura infanto-juvenil, de divulgação científica e de poesia. Foi, aliás, um poeta, Samar Sen, que lhe apresentou o Manifesto do Partido Comunista em algum momento do início dos anos 1940, de modo a influenciá-lo, de certa forma, até a adesão ao próprio Partido Comunista da Índia, em 1944, mas não só prático, também metodologicamente (Bhattacharya, 2010).

É esse o contexto imediatamente prévio à sua pesquisa sobre o materialismo indiano. Notável, ainda assim, dado que a formação pós-graduada de Chattopadhyaya ocorre no mais estrito âmbito Vedanta sob a supervisão de importantes e reconhecidos acadêmicos,

como Sarvepalli Radhakrishnan[1] e, sobretudo, Surendranath Dasgupta[2].

Tema e justificativa

Do ponto de vista terminológico, então, lokāyata é não só certa "filosofia popular" arraigada na história da Índia, mas também a posição propriamente mundana, baseada e direcionada à concretude material do mundo (loka)[3]. Entretanto, já daí iniciam-se as ambiguidades e obscuridades historiográficas, tendo em vista a ausência de registros históricos escritos genuinamente lokāyata e a hostilidade espiritual e religiosa permanente de hinduístas, budistas e jainistas. Conforme Chattopadhyaya,

> Such texts, even if these were once in existence, are lost to us. Judging from the bitter hostility expressed in so many places against the Lokayata-views, it is often conjectured that these might have been deliberately destroyed. Whatever it was, it must have happened long ago, presumably before the beggining of the Christian era. Apart from the mere mention of such lost treatises, what we now concretely posses are a few stray references to the Lokayata-views, or to its followers called the Lokayatikas, as preserved in the writings of those who wanted only to ridicule and refute the Lokayata (Chattopadhyaya, 1959, p. 7).

Como exemplo dentre essas fontes opositoras, uma das mais consultadas pelos estudiosos dos séculos XIX e XX para a compreensão da posição materialista é o compêndio das escolas filosóficas indianas *Sarva Darsana Samgraha*, escrito no século XIV pelo vedantista Madhava e traduzido para o inglês por E. B. Cowell em 1882. Descrente, depravada e grosseira, nessa obra a perspectiva lokāyata corresponderia a uma espécie de "let-us-eat-and-drink-for-tommorow-we-die" (Davids apud Chattopadhyaya, 1959, p. 19). Dela derivada, na hipótese aventada por Dasgupta para a origem e desenvolvimento da vertente cārvāka/lokāyata na Índia estaria uma modificação de práticas mortuárias: vindo da Suméria, o costume funerário de adornamento e cuidado dos mortos "became so far changed that it was argued that since the self and the body were identical and since the body was burnt after death, there could not be any survival after death and hence there

---

[1] Filósofo e político, 1° vice-presidente e 2° presidente da República da Índia.

[2] Filósofo que foi também, por outro lado, anfitrião e professor do mundialmente famoso estudioso e entusiasta das religiões romeno Mircea Eliade, que redigiu sua tese de doutorado, *Yoga: essai sur les origines de la mystique indienne* (1936), após estadia em Kolkata.

[3] No Brasil, é de meu conhecimento apenas um único trabalho sobre cārvāka/lokāyata, uma iniciação científica em filosofia de Bruno Moreira da Silva e orientação da Profª Drª Cristiane Negreiros Abbud Ayoub, da UFABC. É uma justificativa para a pesquisa.

could not be another world after death"[4] (Dasgupta, 1952 [1940], p. 529)[5].

Tal hipótese é importante porque remete a perspectiva cārvāka/lokāyata, do ponto de vista da ortodoxia religiosa, à visão dita *asura* (antípoda aos deuses): em uma das histórias presentes em Chāndogya Upanisad, Indra e Virocana buscam ser instruídos por Prajapati, senhor das criaturas, acerca da realidade do *self/ātman*; enquanto o primeiro, representante dos *devas* (deuses) prossegue até o fim no conhecimento idealista da realidade, o segundo se satisfaz com a explicação inicial que identifica corpo e *self*[6][7]. Ainda que Chattopadhyaya rejeite a hipótese de Dasgupta, dentre outras razões porque a conduta funerária em questão não pode ser tomada como uma particularidade distintivamente suméria, não deixa de ser relevante no argumento apresentado certa definição da *deha-vada* lokāyata. "*Deha*, that is, the material human body, as conceived by Tantrism, was a microcosm of the universe itself" (Chattopadhyaya, 1959, p. 49).

Na compilação, recuperação e tradução mais recente dos aforismos e fragmentos cārvāka/lokākaya feita por Ramkrishna Bhattacharya, lemos a seguinte redação:

> I. *Materialism*
>
> I.1 We shall now explain the principle.
> I.2 Earth, water, fire and air are the principles, nothing else.
> I.3 Their combination is called the "body", "sense" and "object".
> I.4 Consciouness (arises or is manifested) out of these.
> I.5 As the power of intoxication (arises or is manifested) from the constituent parts of the wine (such as flour, water and molasses).
> I.6 The self is (nothing but) the body endowed with consciouness.
> I.7 From the body itself.
> +I.8 Because of the existence (of consciouness) where there is a body.

---

[4] *Paraloka.*

[5] Para Giuseppe Tucci, lokāyata tratar-se-ia de um ramo da aprendizagem brahmânica, *artha* e *dharma*, política e religião associadas de início, sendo subsequente o conflito e a separação: "at its very begginings this doctrine represented the science of the *purohita* who on earth assisted his King, as in heaven Brahaspati assisted Indra: *artha* and *dharma* for a certain period followed the same way. (...) But political intrigues and religious purity cannot go together (...). In course of time, among the masters of this political science there were some who refused to acknowledge any authority of *dharma* and proclaimed that in this world of men, God and priests should not interfere: *Trayī samvaranamātram*. As its happens in such a case, the reaction of the *artha* against the *dharma* went further: *artha* not only broke up any relation with *dharma,* but rose against it" (Tucci apud Chattopadhyaya and Gangopadhyaya, 2006 [1990], p. 390-391).

[6] "Indra, por seu turno, mesmo antes de chegar aos deuses, deu-se conta deste perigo: 'Ora, este si, tal como fica bem-ornado quando o corpo está bem-ornado, bem-vestido quando o corpo está bem-vestido, arrumado quando o corpo está arrumado, fica também cego quando num cego, aleijado quando num aleijado e mutilado se num mutilado. Ele morre com a morte deste corpo! Eu não vejo vantagem (*bhogyam*) nisso" (Upanisadas, 2020, p. 209).

[7] Indicada por Bhattacharya, é essa a explicação do polímata jain Hemacandra (1088-1172) para a denominação: "the word, *cārvāka*, is derived from the root *carva*, 'to chew'. A Cārvāka chews the self (*carvatyātmānam cārvākah*)" (Bhattacharya, 2011 [2009], p. 165).

> I.9 Souls are like water bubbles. (Bhattacharya, 2011 [2009], p. 86-87).

Asura-view é justamente o nome do capítulo que abre a primeira parte, “The Problem and the Method”, do livro de Debiprasad Chattopadhyaya. No intuito de evitar as deformações das fontes de estudo usuais, a pesquisa de Chattopadhyaya segue a trilha que vai até ao proto-materialismo historicamente encontrado no tantrismo e sāmkhya[8][9]. Estes, oriundos de grupos não-arianos com seus ritos sexuais e agrários, são contrapostos à tradição védica predominantemente pastoril. Ainda assim, mesmo nos Vedas – é esse o eixo do capítulo seguinte do livro -, poderiam ser localizados resquícios materialistas verificados nos estratos mais antigos de suas composições. É na *Chāndogya Upanisad* que Chattopadhyaya encontra-os.

Uma das mais extensas e importantes upanisadas, sua datação exata é questionável embora estimada entre os séculos VIII e VI AEC. Max Müller traduziu-a para o inglês em 1879. De tom supostamente satírico[10], na versão em português de Adriano Aprigliano a passagem em questão aparece assim:

> 1.12.1 Agora o canto alto dos cães. Certa feita, Baka Dālbhya – talvez tenha sido Glāva Maitreya – partira para recitar o Veda [1.12.2] e apareceu-lhe um cachorro branco. Então outros cães se ajuntaram àquele e disseram a Dālbhya:
>
> “- Senhor, arruma-nos comida com teu canto, pois estamos famintos.”.
>
> 1.12.3 Ele lhes disse:
>
> “- Vinde encontrar-me amanhã de manhã neste mesmo lugar”, e Baka Dālbhya – talvez tenha sido Glāva Maitreya – ficou ali esperando.
>
> 1.12.4 Então os cães serpearam tal como serpeiam em fila [os sacerdotes] para cantar o [hino] *bahispavamāna*. Eles se sentaram e fizeram: “*hum*”, e cantaram: “OM! Comamos! OM! Bebamos! Os deuses, Varuna, Prajāpati, Savitr cá tragam alimento! Senhor do alimento, traz cá o alimento, trá-lo, OM!” (Upanisadas, 2020, p. 134-135).

---

[8] “The point, as we shall fully discuss it later, is that the Sāmkhya thought which was originally fully atheistic and materialistic, was submitted to a process of rigorous spiritualisation, and idealistic contents were grafted on it in such a manner that at last the original Sāmkhya passed into its opposite” (Chattopadhyaya, 1959, p.62).

[9] No clássico tratado de estratégia política Arthaśāstra, Kautylia (IV AEC/III AEC) elenca Sāmkhya, Yoga e Lokāyata como sistemas lógico-filosóficos seculares. No contexto da obra de Kautylia, Bhattacharya sugere que Lokāyata tem o sentido de “science of disputation” (Cf. Bhattacharya, 2011 [2009], p. 131-135).

[10] Apenas essa leitura é apresentada no artigo da wikipédia sobre o texto. Detalhe para o comentário citado do teólogo presbiteriano John Oman: “More than once we have the statement that ritual doings only provide merit in the other world for a time, whereas the right knowledge rids off all questions of merit and secures enduring bliss”. (Disponível em: https://en.m.wikipedia.org/wiki/Chandogya_Upanishad. Acesso em 14/08/2023). Quanto a essa interpretação, caberia aqui, talvez, a mesma pergunta feita por Chattopadhyaya frente aos religiosos representados pelo *Gītā* e que repreendem e matam um personagem cārvāka só com o poder sobrenatural de seus mantras: “Could it, therefore, be that those who were accusing the Lokayatikas of a gross philosophy of pleasure were themselves subscribing to it, though surreptitiously?” (Chattopadhyaya, 1959, p. 35).

Objetivos e metodologia

“Religion”, escreve George Thomson, “is an outgrowth of magic which emerges with the class struggle. It is an inverted image of social reality”. E na página seguinte desse mesmo livrinho, um complemento: “the reality was reinforced by the idea which had grown out of it” (Thomson, 1954 [1949], p. 10-11). Mesmo assim, é sob uma coloração previamente religiosa que o autor encontra um exemplo de consciência de classe em formação. Trata-se de Gerrard Winstanley, do grupo protestante não-conformista inglês do século XVII, os *Diggers*:

> This Divining Doctrine, which you call ‘spiritual and heavenly things’ is the thief and robber that comes to spoil the vineyard of a man’s peace, and does not enter at the door, but climbs up another way ... This divining spiritual doctrine is a cheat; for while men are gazing up to heaven, imagining after-happiness or fearing a hell after they are dead, their eyes are put out, and they see not what is their birthright, and what is to be done by them here on earth while they are living. This is the filthy dreamer and the cloud without rain. And indeed the subtle clergy do know that if they can but charm the people by their divining doctrine to look after heavenly riches and glory after they are dead, then they shall easily be the inheritors of the earth and have the deceived people to be their servants (Winstanley apud Thomson, 1954 [1949], p. 23).

Inspirado por George Thomson, professor de grego na Universidade de Birmingham, Debiprasad Chattopadhyaya busca analisar, então, o sentido da menção aos cães cantores feita na *Chāndogya Upanisad*, um texto reconhecido por suas observações sobre linguagem e música. E tal sentido, parece, segue um entendimento diverso daquele que circula ainda hoje, como se pode notar pelo artigo disponibilizado na wikipédia. Diz Chattopadhyaya:

> We should, therefore, hesitate to imagine that in the Vedic literatures animal names necessarily referred to actual animals or that the animal names being used in the human context necessarily implied a spirit of satire or irony. So the singing dogs of our Upanisadic passage might not have been dogs at all; they could have been just human beings and they were called dogs by the author of the passage not because he wanted to ridicule them and their performance but rather because of some other reason which deserves to be objectively investigated into (Chattopadhyaya, 1959, p. 83-84).

A partir daí, nesse que é o segundo capítulo da primeira parte do livro, Chattopadhyaya adentra às discussões sobre magia, totemismo e religião, tendo como referência os *Greek Studies* de Thomson. O objetivo principal da pesquisa proposta, portanto, é entender como isso ocorre ao logo do livro “Lokāyata: A Study in Ancient Indian Materialism”. Posto isto, são os objetivos secundários:

1. Delinear os traços do método comparativo proposto por Debiprasad Chattopadhyaya à luz da sua leitura de George Thomson, mas também de Lewis Morgan[11] e Gordon Childe.
2. Verificar as concordâncias e discordâncias de tal método para com o tratamento das mesmas temáticas (magia, totemismo e religião) oriundo da Escola Sociológica Francesa (Durkheim, Mauss e Hubert).

O conjunto dos objetivos buscam responder a uma questão. A importância do trabalho de Thomson, que é, para alguns autores, a culminância da chamada “Cambridge School of Hellenists”[12], está na indicação do vínculo entre cunhagem e a ascensão da filosofia teórica. Por isso a pergunta: esse vínculo é notado na exposição feita por Chattopadhyaya dos embates intelectuais históricos da antiguidade indiana? No Mediterrâneo, a ascensão da filosofia é um processo de “despersonalização” dos elementos que constituem o cosmos ao se distinguir da mitologia, e mesmo de redução de diferenças qualitativas em diferenças quantitativas: “that is to say, Anaximenes explained (...): the *apparently* qualitative difference between, say, earth and air is in fact just a matter of different *quantities* of air in the same space (Seaford, 1997). Para Thomson, seguido por Alfred Sohn-Rethel, essa tendência à conceituação filosófica que prossegue com uma separação que privilegia a *abstração* sobre o mundo perceptível[13] procede, no entanto, da produção e da abstração real da troca de mercadoria[14] na Grécia Antiga, mas também na China e na Índia (Sohn-Rethel, 1965). E não só procede, como só passa a refletir no pensamento a partir da introdução do dinheiro cunhado e da

---

[11] Vale notar que Chattopadhyaya fez a introdução da edição indiana (K P Bagchi & Company, 1982) de *Ancient Society*.

[12] Grupo de classicistas britânicos, em sua maioria da Universidade de Cambridge, que reformulou a apreciação da Grécia Antiga a partir do enfoque nos rituais, em partes sob influência durkheimiana. Os dois principais nomes são Jane Harrison e F. M. Cornford.

[13] Um exemplo paradigmático dado por Richard Seaford é Parmênides, “who (paradoxically) denied true reality to everything except what he called ‘the one’, an entity from which he tried to exclude all perceptible qualities” (Seaford, 1997). Já a última parte, ainda a ser lida, do último capítulo do livro de Chattopadhyaya leva o nome de “Maya: The Birth of Idealism” (Chattopadhyaya, 1959, p. 643).

[14] Porque o ato de troca abstrai o valor-de-uso das mercadorias trocadas, formando o que Alfred Sohn-Rethel chama de “padrão” da abstração troca (cf. Sohn-Rethel, 1965).

economia monetária. “As Herakleitos himself put it, ‘all things are exchanged for fire and fire for all things as goods are exchanged for gold and gold for goods’” (Seaford, 1997).

Mas o postulado epistemológico fundamental cārvāka/lokāyata é a primazia da percepção. Em um dos aforismos compilados por Ramkrishna Bhattacharya, lê-se: “perception indeed is the (only) means of right knowledge” (Bhattacharya, 2011 [2009], p. 87). A hipótese a ser investigada é a de que o esforço histórico de Debiprasad Chattopadhyaya conduz tal vertente ateísta e materialista, se bem entendida, a “compreende[r][15] o sensível [*die Sinnlichkeit*] como atividade *prática*, humano-sensível” (Marx e Engels, 2007, p. 534).

Para a pesquisa, deverá ser utilizada a análise bibliográfica e interpretativa das obras dos autores em questão, a começar por *Æschylus and Athens* (1941) e *Studies in Ancient Greek Society* (1949; 1955), de George Thomson, levando em conta as interlocuções teóricas e os contextos de suas produções. Talvez assim se poderá prosseguir e estudar o desdobramento do trabalho intelectual de Debiprasad Chattopadhyaya na reconstituição do materialismo, as reverberações em outros lugares (Xinchuan, 1981)[16] e sua relevância contemporânea (Bhattacharya, 2011; 2020)[17][18]. Porque, como nas palavras de Alfred Sohn-Rethel,

> No *prima philosophia* under any guise has a place in Marxism. What is to be asserted must first be established by investigation; historical materialism is merely the name for a methodological postulate and even this only became clear to Marx ‘as a result of my studies’. Thus one must not ignore the processes of abstraction at work in the emergence of historical forms of consciousness. Abstraction can be linkened to the workshop of conceptual thought and its process must be a materialistic one if the assertion that consciousness is determined by social being is to hold true (Sohn-Rethel, 1978, p.18).

---

[15] Na citação original, “*não compreende...”*. Trata-se da quinta tese sobre Feuerbach.

[16] Milenarmente presente, aproximada (e atacada) junto aos confucianos e taoistas pelos budistas chineses, lokāyata “is either translated as ‘Shun-Shi-Wai-Dao’ (‘heresy which follows the world’), ‘Shi-Jian-Xing’ (‘doctrine prevailing in the world’), ‘Shi-Lun’ (‘doctrine on the world’), ‘Wu-Hou-Shi-Lun’ (‘doctrine of denying after-life’), ‘Duan-Mie-Lun’ (‘doctrine of annihilation’), ‘Zi-Xin-Lun’ (‘doctrine of own nature or Svabhava’) or transliterated into ‘Lu-Ka-Ya-Tuo’, ‘Lu-Ge-Ye-Duo’, ‘Lu-Ka-Yi-Duo’, etc. ‘Lu-Ka-Ya-Tuo’ is also called ‘Zhuo-Bo-Ka’ (‘Carvaka’)” (Xinchuan, 1981, p. 169).

[17] Melhor visualizada na amplitude da aproximação dos antigos materialismos e “atomismos” greco-romanos, com suas proposições e reações (cf. Lucrécio; Strauss [1995]), e asiáticos (cf. Gangopadhyaya, 1980). Portanto, na origem e desenvolvimento histórico da filosofia e da ciência.

[18] E que pode incluir também o estudo dos condicionamentos na linha de I. Pavlov.

Cronograma preliminar

Etapas	*Períodos*
Realização das disciplinas e cumprimento de créditos	Jan./2025 a dez./2025
Revisão bibliográfica	Jan./2025 a mai./2025
Refinamento heurístico e metodológico	Jan./2025 a jun./2025
Apreciação preliminar do projeto em grupo de pesquisa	Mai./2025 a jun./2025
Pesquisa e coleta de dados	Mai./2025 a fev./2026
Exame de qualificação	Dez./2025 a fev./2026
Análise e discussão	Mar./2026 a set./2026
Redação da dissertação	Dez./2025 a nov./2026
Apresentação dos resultados provisórios em eventos científicos	Set./2026 a dez./2026
Defesa de dissertação	Dez./2026 a jan./2027

Bibliografia

BHATTACHARYA, Ramkrishna. “Fifty Years of ‘Lokayata'”. **Frontier**. Kolkata, vol. 43, n. 12-15, October 3-30, 2010.

BHATTACHARYA, Ramkrishna. **More Studies on the Cārvāka/Lokāyata**. Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing, 2020.

BHATTACHARYA, Ramkrishna. **Studies on the Cārvāka/Lokāyata**. London and New York: Anthem Press, 2011.

CHATTOPADHYAYA, Debiprasad; GANGOPADHYAYA, Mrinal Kanti (org.). **Cārvāka/Lokāyata**. New Delhi: Indian Council of Philosophical Research, 2006 [1990].

CHATTOPADHYAYA, Debiprasad. **Lokāyata: A Study in Ancient Indian Materialism**. New Delhi: People’s Publishing House, 1959.

DASGUPTA, Surendranath. **A History of Indian Philosophy**, vol. III. Cambridge: University Press, 1952 [1940].

GANGOPADHYAYA, Mrinalkanti. **Indian Atomism: History and Sources**. Calcutta: K P Bagchi & Company, 1980.

LUCRÉCIO. **Sobre a natureza das coisas**. Tradução, notas e paratextos de Rodrigo Tadeu Gonçalves. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã:** crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas (1845-1846). Tradução de Rubens Enderle, Nélio Schneider e Luciano Carvini Martorano. São Paulo: Boitempo, 2007.

SEAFORD, Richard. “George Thomson and Ancient Greece”. **Classics Ireland**. Dublin, vol. 4, 1997.

SOHN-RETHEL, Alfred. “Historical Materialist Theory of Knowledge”. **Marxism Today**. London, 1965.

SOHN-RETHEL, Alfred. **Intellectual and Manual Labour:** A Critique of Epistemology. New Jersey: Humanities Press, 1978.

STRAUSS, Leo. “Notes on Lucretius”. In: STRAUSS, L. **Liberalism Ancient and Modern**. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1995 [1968].

THOMSON, George. **An Essay on Religion**. Liverpool and London: Charles Birchall and Sons, 1954 [1949].

TUCCI, Giuseppe. “A Sketch of Indian Materialism” (1925). In: CHATTOPADHYAYA, D.; GANGOPADHYAYA, M. K. (org.). **Cārvāka/Lokāyata**. New Delhi: Indian Council of Philosophical Research, 2006 [1990].

UPANISADAS. Tradução, introdução e notas de Adriano Aprigliano. São Paulo: Mantra, 2020.

XINCHUAN, Huang. “Lokayata and Its Influence in China”. **Social Sciences in China**. Beijing, vol. II, n. 1, March, 1981.